

EM FOCO

DRAMATURGIAS DE UM BUFÃO EM UMA IGREJA INVERTIDA

*DRAMATURGIES OF A BUFFOON
IN AN INVERTED CHURCH*

*DRAMATURGIAS DE UN BUFÓN
EN UNA IGLESIA INVERTIDA*

ANDRE LUIZ RODRIGUES FERREIRA

FERREIRA, Andre Luiz Rodrigues.
Dramaturgias de um bufão em uma igreja invertida.
Repertório, Salvador, ano 24, n. 36, p. **211-231**, 2021.1

DOI: <https://doi.org/10.9771/rr.v1i36.38104>

RESUMO

O artigo objetiva investigar o Patolicismo, obra artística criada e executada pelo bufão franco-italiano Leo Bassi. Ação que parodia o Catolicismo, seus ritos, dogmas e sermões, as missas patólicas promovem dramaturgias expandidas que são atravessadas por noções como carnavalização, rebaixamento, inversão de hierarquias e afirmação de potências vitais. Partindo da análise da obra, seus elementos cênicos, estratégias e modos de fazer, conclui-se que esta práxis de Bassi gera um fenômeno artístico que fricciona o campo do ativismo político. Carregando convites de enfrentamento e resistência pela alegria, a Igreja Patólica busca linhas de fuga irônicas aos dispositivos de captura e expropriação do desejo.

PALAVRAS-CHAVE:

bufonaria; religião;
carnavalização;
profanação; resistência.

ABSTRACT

The article aims to investigate Patolicismo, an artistic work created and executed by the Franco-Italian buffoon Leo Bassi. Action that parodies Catholicism, its rites, dogmas and sermons, the "patolic" masses promote expanded dramaturgies that are crossed by notions such as carnivalization, demotion, inversion of hierarchies and affirmation of vital powers. Starting from the analysis of this artistic work, its scenic elements, strategies and ways of doing, it is concluded that this Bassi praxis generates an artistic phenomenon that rubs the field of political activism. Carrying invitations to confront and resist for joy, the "Patolic" Church seeks ironic escape lines from the devices for capturing and expropriating desire.

KEYWORDS:

*buffoonery; religion;
carnavalization; profanation;
resistance.*

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo investigar el Patolicismo, una obra artística creada y ejecutada por el bufón franco-italiano Leo Bassi. Acción que parodia el Catolicismo, sus ritos, dogmas y sermones, las masas patolicas promueven dramaturgias expandidas que están atravesadas por nociones como carnavalismo, degradación, inversión de jerarquías y afirmación de poderes vitales. Basado en el análisis del trabajo, sus elementos escénicos, estrategias y formas de hacer, se concluye que esta praxis de Bassi genera un fenómeno artístico que afecta el campo del activismo político. Llevando invitaciones para confrontar y resistir con alegría, la Iglesia Patolica busca líneas de escape irónicas de los dispositivos de captura y expropiación del deseo.

PALABRAS CLAVE:

*bufonería; religión;
carnavalización; profanación;
resistencia.*



PRIMEIROS PASSOS: ENTRANDO NA CAPELA DO ESCÁRNIO

NAS PAREDES DOURADAS de um templo cuja configuração visual remete a uma capela católica podem ser vistos vários patos amarelos de borracha. Dividindo espaço com anjinhos usando narizes de palhaço e os patos, há imagens de filósofos, artistas e cientistas, como Sócrates, Edit Piaf, Pablo Neruda e Albert Einstein. Essas imagens são exibidas ao longo da construção arquitetônica como se ocupassem o local de consagração de santos da teologia cristã.

Na parte superior de um altar podem ser lidas, ainda, as frases: “A religião é considerada verdade pelo povo, falsa pelo sábio e útil ao poder”, do filósofo romano Sêneca (4 a.C.- 65), bem como “Deus está morto, Nietzsche está morto e eu tampouco me encontro muito bem”, do ator e comediante norte-americano Groucho Marx (1890-1977).

Localizada na capital espanhola de Madri, a capela da Igreja Patólica é dedicada ao Patolicismo, religião criada pelo bufão franco-italiano Leo Bassi. Operando pela contaminação paródica sobre os ritos da Igreja Católica, esta religião bufa presentifica visões irônicas e provocadoras num fenômeno artístico insubordinado, atravessado por noções como carnavalização e profanação.

O presente artigo mantém como foco de análise o Patolicismo, investigando como essa ação artística, criada e executada por Bassi, adentra o terreno da religiosidade como matéria-prima a suas provocações e perspectivas críticas. A escolha dessa obra como objeto de estudo surge da interface observada entre o trabalho deste bufão e as estratégias irônicas e carnavalizadas de que ele se utiliza, que apontam para o embaralhamento entre dramaturgia, ação cênica e política.



JÁ OUVIU A PALAVRA DO DEUS- PATO? CARNAVALIZAÇÃO, PROFANAÇÃO E RESISTÊNCIA

Nascido oficialmente nos Estados Unidos a 28 de abril de 1952, Leo Bassi possui nacionalidade franco-italiana, sendo membro e descendente de uma família de circo cujas atuações remontam a meados do século XIX.¹ (LEO..., 2013) Crescendo num ambiente circense que acumulava a experiência de várias gerações de artistas, já aos sete anos de idade ele iniciou sua carreira nas apresentações da família Bassi, tendo aprendido o ofício de malabarista e palhaço.

Após alguns anos de apresentações cômicas em picadeiros circenses, Bassi abandona o circo, durante a década de 1970, e passa a realizar sozinho apresentações na rua, desenvolvendo um estilo muito singular de práticas artísticas em que a comicidade é construída a partir de ações provocadoras em relação à assistência. Ao longo dos anos, criando uma linguagem cênica atravessada por seu interesse na provocação e na acidez derrisória, Bassi passa a se autodenominar como um bufão.

Historicamente a bufonaria é associada a deformidades corpóreas e comportamentos excêntricos, quando o corpo marginal era capaz de gerar um jogo de indefinições e instabilidades sobre conceitos como “normalidade”. (BAKHTIN, 2010) Provocando pelo escárnio, pela ironia e até mesmo pela agressividade,

1 Informações biográficas retiradas do site oficial do artista. Ver: <http://www.leobassi.com/biografia.html>

essas figuras cômicas proferiam discursos desestruturantes sobre normas, hierarquias e relações de poder.

Expondo o risível das relações sociais e suas vicissitudes, o bufão transita pelo campo ilimitado da zombaria, em processos cênicos que podem abordar, geralmente de forma ácida ou violenta, temas complexos como religiosidade, conflitos mundiais e adversidades humanas. (LECOQ, 2010)

Dessa forma, em suas estratégias de bufonaria, Bassi embaralha as fronteiras entre acontecimentos, normas e instâncias de poder dos ordenamentos sociais. Esse artista lança um olhar cômico e corrosivo sobre o fenômeno cênico, operando prâxis desviantes do senso comum, na busca por uma ação artística crítico-reflexiva e indisciplinada. É nesse contexto que se insere a Igreja Patólica ou Patolicismo.

Fundada por Bassi em novembro de 2012, essa é uma igreja dedicada aos palhaços, bufões e livres pensadores, constituindo-se, de acordo com o próprio artista, em uma autêntica religião que defende a comicidade e o riso como expressões do intelecto humano. O Patolicismo é o culto ao Deus Pato, divindade simbolizada por um pato de plástico ou borracha amarelo, tal qual um brinquedo de banheira.²

Assim, este bufão defende a incongruência, o pensamento crítico e a comicidade como mandamentos de sua igreja, destacando que a escolha do pato amarelo como deus é garantia contra idolatrias e a intolerância, pois, segundo ele, somente os tolos poderiam crer numa divindade que é um pato de brinquedo.

Nas próximas páginas, partindo da descrição e análise de trechos de seus ritos e “sermões” patólicos, analisarei alguns focos que atravessam esta igreja bufa, particularmente suas estratégias dramatúrgicas paródicas e os fluxos afirmativos que elas colocam em movimento.

Sumo pontífice do Patolicismo, Bassi tem celebrado, desde dezembro de 2012, missas ateias dominicais³ no interior do Paticano, um pequeno sobrado localizado na capital paulista, cujo interior remete à composição arquitetônica e visual de uma capela ostensivamente ornamentada nos moldes de um templo católico barroco.⁴

2 Bassi já utilizava a figura de um pato inflável amarelo de 45 metros de circunferência em cortejos realizados em praças, praias e espaços públicos, em países como Espanha, Portugal, Polônia e Brasil – em 2010 ele levou seu pato gigante à Praia de Ipanema (RJ) e à Praça da Sé (SP).

3 Até 19 de julho de 2020, Bassi já celebrou 288 missas patólicas, cujas transmissões podem ser acompanhadas em redes sociais como Youtube e Instagram. Maiores informações sobre a Igreja Patólica podem ser obtidas no sítio Paticano. Ver: <http://paticano.com/>

4 O barroco data do final do século XVI, quando a arte assume um estilo sensual e emocional, influenciando sobremaneira a arte religiosa e o desenvolvimento da cultura visual moderna da chamada *arte votiva*: “[...] com seus triviais símbolos e formas, a cruz, o halo, o lírio, o crânio, o olhar afetadamente piedoso, os êxtases de amor e sofrimento”. (HAUSER, 2003, p. 453)

Nas paredes douradas do templo patólico há vários patos de borracha que são o próprio Deus-pato, além de anjos e imagens de pensadores e artistas de vários campos, como Sócrates, Voltaire e Kant, além do cientista Albert Einstein e artistas como Pablo Picasso, Edit Piaf e Pablo Neruda. Como ressalta Bassi, a escolha por destacar estas figuras vem pelo fato de que constituem influências ao seu trabalho e sua vida, responsáveis por torná-lo mais humano e mais livre, seja por suas obras ou por suas visões sobre o mundo.

Assim, já na organização espacial da capela patólica, pode-se perceber que Bassi privilegia a afirmação da produção artístico-intelectual e dos ideais humanistas como alternativa às celebrações e ritos religiosos tradicionais, defendendo a ironia e o espírito crítico em oposição aos valores instituídos e entendidos como “sérios”.

Reivindicando a dúvida contra obscurantismos, totalitarismos e superstições, durante as missas patólicas, Bassi profere o que chama de *homilias*.⁵ Todavia, ao contrário de realizar pregações sobre temas do Evangelho ou discursos moralizantes, o artista promove elogios à importância do uso da razão e da alegria na vida cotidiana, em discursos que duram entre quarenta minutos e uma hora.

Por meio de suas missas ateias e pela iconografia insólita de que este bufão se utiliza, Bassi realiza a quebra de hierarquias entre diversos campos do conhecimento e a cultura material de seus objetos excêntricos. Constituindo, assim, uma composição visual e simbólica cheia de excessos – o que pode ser observado na mistura de imagens de artistas, pensadores humanistas e cientistas, todos ocupando simbolicamente e no mesmo patamar de importância as paredes do Paticano, dividindo espaço com a presença de anjos com nariz de palhaço e patos amarelos que se espalham pelas paredes da capela patólica.

O templo patólico não apenas abriga a realização das missas ateias ou lhes serve como configuração cenográfica, mas, sobretudo, presentifica o encontro entre as ideias do Patolicismo, os corpos de seu criador e de seus espectadores/participantes. Aqui se dá um fenômeno coletivo através de múltiplos diálogos entre o espaço, os objetos do cotidiano – patos, anjos, fotos, frases, volutas douradas –, as palavras do artista e sua assistência.

5 Segundo o Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa, o termo *homilia* possui três acepções: pregação em estilo familiar que busca explicar um tema ou texto evangélico; comentário do Evangelho, depois de sua leitura, por ocasião da missa; escrito ou discurso moralizador, longo e enfadonho. Ver: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=homilia>

Ainda em seu primeiro ano de existência, em missa celebrada no Paticano em 3 de novembro de 2013, Bassi realiza uma celebração ao músico Lou Reed (1942-2013), morto uma semana antes⁶ e, no início de sua fala, o bufão destaca pontos importantes sobre a Igreja Patólica:

Senhoras e senhores – não digo fiéis porque esta é uma igreja que não quer fiéis. Não queremos pessoas fiéis. Queremos pessoas críticas, queremos amigos também, amigos com certeza, mas fiéis: nenhum. [...] Alguns dizem que este pato é o meu deus e pedem respeito a meu deus. Outros dizem: – ‘Mas como pode um pato de plástico ser um deus?’ Bem, é como qualquer outra coisa, isso não muda absolutamente nada! [...] Eu venho de uma longa tradição de bufões e palhaços ateus e anticlericais, e esta é uma maneira elegante de expressar um anticlericalismo de fato, sem limite, sem qualquer remorso. Então, o pato é símbolo desta capela. Há uma intensidade profunda: na verdade, além da piada, eu havia pensado: Se eu tivesse um deus - e eu não tenho um – mas se eu tivesse um deus, que tipo de deus seria? Não pode ser um deus todo-poderoso, porque os palhaços... uma coisa toda-poderosa não representa os palhaços, nós palhaços não somos poderosos, não temos qualquer poder. Então eu queria um Deus sem poder.⁷ (LEO..., 2013)

Realizando a liderança das missas patólicas e guiando seus discursos, Bassi se apresenta como o duplo de um sacerdote que destrona o medo e a desigualdade, uma vez que somos todos humanos e imperfeitos – daí a escolha de um deus-pato, ridículo em sua fragilidade quase infantil e que não se configura como representação de poder.

Na homilia patólica citada, Bassi adentra o espaço do Paticano trajando sua indumentária excêntrica, ornada com diversos detalhes dourados, como correntes, botões e ombreiras, usando, ainda, um grande chapéu cônico com o símbolo do Patolicismo, o deus-pato de banheira. Em consonância com o caráter visualmente excessivo do próprio templo patólico, o artista aponta por meio do travestimento para as porções ridículas e exageradas da própria constituição visual católica.

6 Músico, cantor e compositor, Lou Reed é destacado por Bassi pela importância de suas músicas de caráter rebelde, que defendiam liberdades e reivindicavam modos de viver mais intensos e menos convencionais. Como a missa em questão é uma homenagem póstuma à Reed, junto ao altar patólico podemos ver capas de discos do artista, uma foto recente dele e uma foto do jovem Reed, de óculos escuros, cigarro no canto da boca. Ver: https://www.youtube.com/watch?v=3_j4pPR16yE

7 Transcrição e tradução minha a partir do registro videográfico citado.

O bufão busca, portanto, uma comunhão alegre, humanista e particularmente crítica com os demais participantes de suas missas.

Assim, uma chave de leitura possível para pensar o Patolicismo reside nos processos de carnavalização apontados por Bakhtin (1981), quando a quebra das hierarquias constitui elemento determinante ao evento carnavalesco. Por meio do extravasamento, ocorre a revogação dos padrões determinantes da ordem instituída e dos valores do cotidiano, gerando lacunas e rasgos no interior do: “[...] sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta, etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive a etária) entre os homens.” (BAKHTIN, 1981, p. 105)

A carnavalização opera através de uma disjunção capaz de gerar a inversão da seriedade e dos valores que pressupõem a sua perpetuação através da distância hierárquica. Em seu viés irônico e carnavalizado, o Patolicismo produz um fenômeno avesso ao medo e à devoção, transgredindo discursos impostos e oficiais através da irreverência e pelo embaralhamento de separações e distâncias, pois, como Bassi mesmo afirma, sua igreja não deseja fiéis, gente crente e devotada, mas, antes amigos e pessoas críticas.

Através da criação do Patolicismo e da escolha de um Deus que é um pato de plástico, o bufão adentra o território de criação do rebaixamento (BAKHTIN, 2010), operando o deslocamento da ordem divina para um objeto da cultura material, que pode ser encontrado em qualquer loja de brinquedos ou de bugigangas – o pueril e ridículo pato amarelo de banheira. Como explica o artista no início de sua fala, este deus-bufo poderia ser um pato de plástico ou qualquer outra coisa, pois, como ele reafirma em trecho de outra missa patólica:

Um pato de plástico, uma virgem [alusão à Virgem Maria], ou o que seja, tudo vale a mesma coisa... Porque aqui não acreditamos em entidades superiores. Acreditamos apenas na força e na capacidade do ser humano de criar seu destino, de imaginar a sua posição neste planeta e neste universo, usando a cabeça e o coração.⁸ (LEO..., 2014, grifo meu)

8 Tradução minha a partir da transcrição realizada do vídeo *Leo Bassi Misa 45 "El árbol de La sabiduría" Año 74004 Era del Pato*. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=7myDIPLSvxl>

Através do rebaixamento, o que seria da ordem da seriedade e do transcendente é colocado em justaposição com a vida anódina, quando Bassi reivindica uma dimensão afirmativa de vida pelo rompimento de separações hierárquicas entre o fenômeno religioso, a arte e o cotidiano, mantendo como princípios o espírito lúdico e posturas críticas sobre a humanidade.

Nesse viés, Bassi aponta para a desmistificação de instituições e ideais, em processos de zombaria que também podem ser observados no que este bufão denomina como dogmas patólicos. As dinâmicas de incongruência e inversão privilegiadas por esta igreja-bufa são anunciadas em seu sistema dogmático, cujo primeiro dogma anuncia: “Não há dogmas”, princípio seguido ironicamente de uma lista dogmática subsequente.

Entre os dogmas da Igreja Patólica estão: a liberdade para que cada fiel crie sua própria versão do Patolicismo com o objetivo de zombar dos outros fiéis; a proibição de qualquer tipo de violência física; o incentivo a que os fiéis não demonstrem qualquer respeito àqueles que oficiam o culto, desde que a crítica seja feita com humor; e a garantia de que nada nem ninguém pode estar acima da possibilidade de ser alvo de piadas e zombarias – embora o bufão destaque que aqueles que forem contrários à Igreja Patólica serão chamados de *Anti-Páticos*.⁹ (LA CAJA TONTA..., [2013])

Dessa forma, quando Bassi propõe dogmas que pregam a liberdade, a zombaria dos demais fiéis e mesmo daqueles que liderem os ritos e missas patólicas – ou seja, o próprio bufão como alvo de escárnio – bem como asseguram que nada nem ninguém estará resguardado da possibilidade de ser ridicularizado, este artista subverte pela *inversão* as próprias características de um sistema dogmático, sobretudo em âmbito religioso, baseado na autoridade no interdito.

Nenhuma hierarquia ou instituição parece estar a salvo das porções violadoras da bufonaria desenvolvida por Bassi, nem mesmo ele, em operações cômicas degradantes e regeneradoras. Tratando do mundo “ao revés” de festas e ritos carnavalescos medievais, a lógica da inversão operaria: “[...] pelas coisas ‘ao avesso’, “ao contrário”, permutações constantes do alto e do baixo [...], e pelas diversas

9 A lista de dogmas patólicos pode ser consultada no sítio La caja tonta. Ver: <http://www.lacajatonta.es/libros-2/leo-bassi-y-la-iglesia-patolica/>

formas de paródias, travestis, degradações, profanações, coroamentos e destronamentos bufões”. (BAKHTIN, 2010, p. 10)

Bassi destaca seu interesse por um deus imperfeito, anticlerical, que zomba e ri, numa perspectiva invertida capaz de realizar o “destronamento” do que seria um deus transcendente e superior. Como ressalta o artista, um deus que representasse palhaços e bufões em sua inadequação e profunda humanidade.

No Patolicismo, o espectador/participante se encontra diante de um evento cênico carnavalizado, atravessado por dinâmicas incongruentes – Um deus que é um pato de banheira! Um sacerdote vestido de maneira exagerada e ridícula... – que cavam lacunas na percepção da plateia para gerar a abertura necessária para que Bassi comunique seus discursos e ideias. Ainda acerca da carnavalização, nas palavras de Caballero (2011, p. 57):

Qualquer discurso artístico estruturado a partir dos processos da inversão carnavalesca representa uma transgressão e desmistificação dos discursos oficiais e monológicos: o destronamento é uma das imagens mais arcaicas e recorrentes do carnaval, com a respectiva coroação de um duplo paródico, de um bufão-escravo-rei. Os discursos carnavalescos parodiam convenções, invertem cânones, fazem subir à cena vozes das margens, a cultura da praça pública, o riso liberador, o corpo aberto e transbordante. Qualquer imagem associada às estruturações carnavalescas reflete o grande espetáculo do mundo ao contrário. A partir daí o carnavalesco pode chegar a ser contestatário, dissociador de convenções, desestabilizador [...].

Dessa forma, tanto Caballero como Bakhtin indicam importante pista para a análise das estratégias dramatúrgicas e *modus operandi* do Patolicismo: a paródia que esta igreja-bufa engendra sobre o Catolicismo, na criação de um espelhamento permeado pelo jogo liberador e desierarquizante da inversão.

Agamben (2007) esclarece que remonta ao mundo clássico a acepção mais antiga da paródia, termo derivado de *paroidous*¹⁰ e que dizia respeito ao riso provocado

10 Na recitação dos poemas homéricos deveria haver nexos entre a melodia e o ritmo da palavra, uma instância acompanhando a outra, ocorrendo as paródias quando essa ligação era rompida pelo erro, eventos acidentais e discordantes que provocavam divertimento e risadas nos atenienses. (AGAMBEN, 2007)

pelo erro em apresentações públicas da poesia grega. O autor ressalta, ainda, duas características marcantes à paródia: a dependência a um modelo preexistente – o pré-texto parodiado cuja seriedade é transformada em substância cômica – e a conservação de elementos formais contaminados pelo ridículo e pela incongruência.

Hutcheon (1985), por sua vez, define a paródia como fragmento ou obra que transforma ironicamente um texto preexistente, criando a zombaria através de toda sorte de efeitos cômicos. A distância entre o texto parodiado e o parodiante seria marcada por uma separação crítica preenchida pela ironia. Logo, a paródia é, ao mesmo tempo, citação e criação original, mantendo com o pré-texto estreitas relações intertextuais, quando o objeto parodiado é exibido em nuances que muitas vezes passariam despercebidas aos olhares cotidianos mais desatentos, características destacadas por meio do excesso e do exagero.

Nesse contexto, a Igreja Patólica se constitui como uma dramaturgia criada pelo metadiscurso sobre o Catolicismo e seus cânones, quando a relação religiosa do espectador é ativada e, simultaneamente, questionada pelo reconhecimento de seus elementos invertidos e ridicularizados.

Aqui mostra-se necessário o entendimento de que a dramaturgia no Patolicismo é uma dramaturgia vazada, criada e contaminada por diversos agentes construtores de signos (DORT, 2013) que vão muito além do “texto” ou das palavras proferidas pelo bufão. Uma dramaturgia expandida vai sendo construída pelo jogo de forças que atravessa as diversas camadas sígnicas desta ação, como o espaço exuberante da capela patólica, a corporeidade do bufão atrelada a sua indumentária excêntrica, o corpo individual e, ao mesmo tempo, coletivo de seus participantes/espectadores, a fricção entre a seriedade e a comicidade no evento da missa bufa e suas paródias.

No Patolicismo, essa dramaturgia paródica sobre os rituais cristãos católicos é observável em diversos elementos como: o nome e os termos utilizados para designar esta religião lúdica (Igreja Patólica X Igreja Católica; Patolicismo X Catolicismo; Paticano X Vaticano); o travestimento de Bassi por meio de uma indumentária histriônica, com grandes chapéus e diversos detalhes dourados de sua roupa

– alusão às vestes excessivamente pomposas de determinadas figuras religiosas, bem como às cores que remetem ao ouro que adorna as catedrais católicas do Vaticano – além, é claro, do próprio templo do Paticano, cujo interior indica uma paródia arquitetônica das igrejas barrocas.

Ademais, através dos princípios defendidos pelo Patolicismo ocorre a presentificação de uma metadiscursividade ácida que ataca em cheio dogmas da religião católica, como, por exemplo, a crença na separação entre céu e inferno, os meios para entrar em cada um destes “reinos” religiosos, bem como a culpa e o medo que podem acompanhar estes caminhos.

O viés paródico do Patolicismo se utiliza de suas semelhanças com o fenômeno religioso que ironiza para evidenciar suas diferenças por meio da resignificação de valores e crenças. Dessacralizando e subvertendo os sentidos sérios por transformações que apontam para uma comicidade desveladora, a paródia patólica provoca deslizamentos de sentidos pela captura e inversão das imagens e valores que evoca criticamente.

Conforme destaca Propp (1992), a paródia transita pela imitação das características exteriores e peculiaridades de um indivíduo ou de fenômenos da vida, carregando a negação do sentido interior do objeto parodiado, demonstrando que por trás das aparências há um vazio contraditório, uma vez que as operações paródicas atuam como “[...] um meio de desvendamento da inconsistência interior do que é parodiado”. (PROPP, 1992, p. 85)

Logo, a Igreja Patólica reivindica, por meio de seu caráter exagerado, a dimensão positiva, festiva e crítica de seus elementos rituais e discursos, o que também será observado no encerramento da missa patólica sob análise. Nos últimos minutos do evento, o bufão afirma:

Muitas pessoas me dizem:

– ‘Leo Bassi está tudo muito bem, mas isso não é uma religião, porque o que você disse são palavras que alguém pode concordar ou não, mas é filosofia. Uma religião vai além disso [...] em

uma religião há um pouco de magia, mistério... Em uma religião há milagres. Em sua religião não há milagres!

[...] eu realmente não gosto de milagres, mas há um milagre de Jesus que sim, eu adoro: são as bodas de Canaã, onde ele transformou água em vinho.¹¹ É o único milagre que nós aceitamos na Igreja Católica. [...] Isso é uma coisa fantástica, é um milagre grandioso, é mais do que ressuscitar os mortos [...]. Transformar água em vinho é absolutamente inútil, isso que eu gosto. É uma coisa de um mau gosto sem fim. Eu gosto! Você pode imaginar: você está em um casamento [...] há muita gente, e as pessoas dizem: – ‘Cara, você viu este jovem? Ele é santo, este jovem tem super poderes! Há alguém aqui que tem super poderes!’. Estão todos bêbados [...]. E de repente alguém diz:

– ‘Que desastre! Não temos nada para beber [...], acabou tudo que havia para beber!’. E todas as pessoas dizem:

– ‘Mas se ele tem *superpoderes*, com certeza pode fazer alguma coisa. Oh Jesus, *chega mais!* Você tem *superpoderes?*’. Ele diz:

– ‘Sim, tenho...’

– ‘Então nos ajude!’

– ‘O que eu posso fazer?’

– ‘Bem, transformar esta água em vinho’.

E Jesus demonstrando sua infinita bondade [...] pega a água, pega um copo [...].

(Bassi pega uma jarra de vidro que possui água em seu interior e uma taça vazia. Ele começa a encher a taça com o líquido incolor).

Esta água, que é água normal, é do *Canal de Isabel II* [...]. Ela ainda não foi privatizada, mas está quase privatizada...¹²

(Bassi pega outra taça vazia).

Então faça isso, mas antes você olha o pato, você se deixa influenciar por este olhar que é um olhar intenso: o olhar do pato. E então você vê que há uma energia que vai te penetrar, e lentamente esta energia lhe dará impressionantes milagres.

(Enquanto fala, o bufão despeja novamente a água da jarra no interior de uma nova taça, mas, desta vez, o que enche o recipiente é um líquido de coloração vermelho-escura, como se a

11 A transformação da água em vinho é considerada pelos cristãos o primeiro milagre de Jesus Cristo. Sua narração bíblica está localizada no Evangelho de João (2, p. 1-11).

12 Responsável pelo abastecimento de água da cidade de Madri, o *Canal de Isabel II Gestión SA* tem estado no centro de diversos escândalos sobre corrupção em sua administração, bem como tem sido alvo de denúncias sobre um processo de privatização de parte de seus recursos. Ver: <http://www.plataformacontralaprivatizacion-delcyii.org>

água estivesse sendo transformada em vinho. O milagre está feito. E ele conclui...).

É um vinho milagroso, um vinho de um dos doze apóstolos: é *Don Simón*.^{13,14} (LEO..., 2013)

Ainda nas primeiras frases do trecho da missa descrita acima, o artista trata de milagres não como indícios de participação divina na vida dos seres humanos, mas como mágica e mistérios – o que será confirmado quando, ao fim da missa ele realiza um “milagre” que poderia ser realizado em qualquer apresentação corriqueira de ilusionismo – destronando tanto o fenômeno milagroso católico como aquele que o gera.

Todavia, apesar do caráter pueril do jogo da transformação da água em vinho, as intensidades cômicas que Bassi coloca em movimento não estão necessariamente na realização da ação, mas no caminho que ele constrói até chegar ao “milagre”, o que remete às palavras de Mendes (2008, p. 208, grifo do autor):

[...] o único ‘objetivo’ que se pode ver na força cômica – enquanto força – é o de submeter qualquer tipo de alvo aos seus poderes de reversibilidade, deslocamento, contraste, rebaixamento, desestabilização. O que pode ser visto como subversivo ou libertário na comédia não é *aquilo que se representa*, não é qualquer crítica ou mensagem, não é um veredicto ou opinião sobre um dado fato ou comportamento, mas sim *um certo modo de ação*, ou seja, um método. Esse método consiste em duvidar sistematicamente, ritualisticamente, do real e da verdade.

Em suas maneiras de fazer patólicas, que mantêm como um de seus lemas a frase “*Onde há dúvida, há liberdade*”, Bassi zomba de uma possível dimensão transcendente do deus-pato de banheira – afinal “*bastaria olhar para o pato e perceber que há uma energia que dele sai, um olhar intenso e amoroso, capaz de gerar milagres*” – o que aponta para o caráter abstrato ou mesmo fantasioso, bem como para as porções ridículas que permeiam os mais diversos rituais religiosos, uma vez que sejam olhados não mais pela ótica da fé mas através das lentes da distância crítica.

13 Marca de vinho popular e de baixo custo na Espanha, uma das empresas com maior número em vendas da bebida e que foi a primeira a vender vinhos não em garrafas, mas em embalagens econômicas, em caixas de papel-cartão, tais como caixas de suco ou leite.

14 Tradução minha a partir da transcrição realizada do registro videográfico citado.

Por outro lado, este bufão ressalta o interesse patológico sobre o milagre das bodas de Canaã: a sua inutilidade, seu viés gratuito e de mau gosto, representando a “infinita bondade” de Jesus Cristo na garantia da continuidade de uma festa de casamento (quando boa parte dos convidados se encontrava bêbada, por ter consumido toda a bebida existente no local). Nas palavras sarcásticas de Bassi: “*Isso é uma coisa fantástica, é um milagre grandioso, é mais do que ressuscitar os mortos!*”.

Assim, Bassi realiza o destronamento do viés transcendente da religiosidade, o que também pode ser observado pela maneira informal como este bufão narra a história bíblica, com a utilização de gírias, como se contasse qualquer episódio anódino. Na inversão da crença em entidades superiores, a mítica figura de Jesus Cristo é rebaixada e transformada pelo bufão em um “jovem com superpoderes”.

Da mesma forma, após a realização do milagre patológico, Bassi destaca que o vinho milagroso seria pertencente a um dos 12 apóstolos bíblicos, seria vinho *Don Simón* – marca espanhola de vinho popular e de baixa qualidade. Bassi retira a hierarquização formal e superior concedida pela cultura ocidental às histórias bíblicas, bem como ao vinho que simboliza o sangue de Cristo durante as missas, criando perspectivas sarcásticas e misturadas ao cotidiano, carnavalizando as convenções religiosas pelos ritos paródicos que cria.

Refletindo ainda sobre a comicidade patológica, concomitantemente absurda e contestatória, que abole distâncias e hierarquias, surge como interesse ao presente estudo pensar os processos de carnavalização do Patolicismo em diálogo com a noção de profanação desenvolvida por Agamben (2009), conceito que aponta para articulações com o político.

Como explica esse filósofo, desde as origens do direito romano, sagradas ou religiosas eram as instâncias pertencentes exclusivamente aos deuses, saídas da esfera do humano. Assim, seria próprio do fenômeno religioso a separação e subtração de coisas, lugares, animais ou pessoas do âmbito comum, transferindo-os a uma esfera separada, de ordem divina. A religião não seria, portanto, aquilo que une homens e deuses, mas, na verdade, o que assegura a distinção clara entre estes dois âmbitos, estabelecendo toda uma gama de interditos.¹⁵

15 Na contramão daqueles que defendem a religião como derivada do vocábulo *religare* – religião como os ritos que promoveriam a ligação entre o humano e o divino – Agamben (2007) afirma que etimologicamente o termo *religio* viria de *relegere*, que indica uma atitude de escrupulo e atenção na relação com os deuses, uma inquieta hesitação diante da separação entre o humano e o divino, separação que é perpetuada pelos ritos religiosos.

Nesse contexto, sacrílego era qualquer ato que violasse ou transgredisse o caráter reservado de indisponibilidade sagrada. A profanação, por sua vez, designava a restituição das coisas sagradas ao livre uso comum e à propriedade dos homens, realizando a passagem do divino ao profano, num caminho inverso ao da interdição.

O autor destaca o jogo como possibilidade de reuso incongruente do sagrado, realizando a inversão dos interditos.¹⁶ A separação do ato sagrado residiria na conjunção entre os mitos ou narrativas divinas e os ritos que os reproduzem, mesmo que simbolicamente. O jogo, segundo esse filósofo, rompe essa unidade, reforçando o mito em palavras ou o rito em ações. O jogo propiciaria, portanto, uma experiência desviante da humanidade sobre a esfera do sagrado, sem que esta reste como abolida. Ou seja, a profanação gerada pelo jogo restituiria a ordem divina ao uso comum.

Dessa forma, a multiplicação vertiginosa de novos e velhos jogos é apontada pelo autor como uma tentativa do homem contemporâneo de retorno ao sagrado e seus ritos, possibilidade frustrada de voltar à festa perdida, seja em cerimônias religiosas cada vez mais espetaculares, seja na proliferação de jogos televisivos ou no crescimento desenfreado da indústria do entretenimento.

Quando Bassi afirma que um dos objetivos do Patolicismo reside na busca por uma visão alegre e festiva sobre o mundo, entendo que a experiência patólica busca fazer corpo e criar resistência a essa dinâmica alienante e massificadora. Afirmando a vida e seus afetos carnavalescos como possibilidade de subversão dos processos que capturam a vitalidade social, este bufão cria jogos efêmeros de composição e decomposição de forças.

Pensando, ainda, que a profanação do jogo implica na perda da aura sagrada daquilo que antes era interdito, restituindo-se ao uso humano o que outrora fora indisponível e destacando a potência subversiva do jogo em sua capacidade de gerar afetos, Agamben (2007, p. 68) conclui: “Fazer com que o jogo volte à sua vocação puramente profana é uma tarefa política”.

16 Agamben (2007) discorre como muitos jogos conhecidos ainda hoje estão vinculados às esferas do sagrado, ligados a antigas cerimônias sacras, práticas divinatórias e rituais – como, por exemplo, as brincadeiras de roda originadas de ritos matrimoniais, jogos com bola que reproduziam a luta dos deuses pela posse do sol, jogos de azar derivados de práticas oraculares e o jogo de xadrez que remetia a antigos instrumentos de adivinhação.

O jogo profanatório criado por Bassi em seu Patolicismo, em fluxos de carnavalização e rebaixamento de hierarquias, assume este viés político na medida em que é capaz de reativar espaços e elementos até então confiscados por um modelo sagrado, com suas funções previamente instituídas, devolvendo essas instâncias ao reuso comum e criando afetos outros.

Em seus novos usos sobre a religiosidade, a missa patólica produz um terreno dramatúrgico instável, que oscila entre a gratuidade do cômico e da transmissão oral jocosa sobre ritos e histórias bíblicas, bem como adentra o campo do engajamento ativista, o que pode ser observado no último trecho analisado de seu discurso.

Uma vez que Bassi destaca que um dos principais objetivos do Patolicismo é fomentar o espírito crítico em seus participantes, o bufão não se furta ao exercício da criticidade ao falar ironicamente sobre a água e os riscos de sua privatização – “[...] ainda não foi privatizada, mas está quase [...]” – destacando que esta seria do *Canal de Isabel II*, empresa administrada por políticos espanhóis e alvo de grandes críticas e denúncias de corrupção. Imbricando suas convicções políticas e a defesa de suas opiniões, Bassi vai ainda mais além em outro momento da homilia da mesma missa:

A propósito, aproveito estas últimas palavras para dizer o que vou fazer na próxima semana. Quero fazer algumas ações a partir desta pequena capela, fazer coisas lúdicas mas que têm um valor político. E a primeira ação que quero fazer é – e todos os que quiserem vir conosco - sair e limpar toda a rua da Fé. O bairro está andando na *merda*... Eles demitiram – a administração do Partido Popular¹⁷ - os varredores de rua e tudo isso porque eles foram privatizados. E aqueles que privatizaram acabaram com 1.500, 1.600 postos de trabalho... Portanto, agora existem 1.600 menos garis do que antes, quando a coisa não havia sido privatizada. E resultado: aqui há uma deterioração em nosso bairro que é clara, basta caminhar. [...] Fim da história: eu quero sair com um grupo de pessoas, vamos limpar tudo, colocar todo esse lixo em um carro e ir até a Prefeitura. E jogar diante de sua porta, pedindo a Ana

17 Um dos principais partidos políticos da Espanha, o Partido Popular (PP) é considerado conservador, defendendo o que chama de “humanismo cristão”. Nas últimas duas décadas tem sido alvo de inúmeras denúncias e escândalos envolvendo má gestão e apropriação indébita de recursos públicos. Leo Bassi assume publicamente posições contrárias às ações do PP. Ver: <http://elordenmundial.com/regiones/corrupcion-partido-popular/>

Botella ou a alguém para varrer, para recolhê-lo. E se me derem uma multa... que dêem... Mas eu vou fazer - e vamos fazê-lo com câmeras e *streaming* e tudo isso. [...] Esta é a primeira coisa que quero fazer. E eu gosto da idéia de fazê-lo na rua da Fé, porque... Bem... Para os ateus é um bom lugar para começar. (LEO..., 2013, tradução nossa)

Assim, o artista aproveita o fenômeno coletivo de suas missas patólicas para planejar e convocar aqueles que desejem participar de atos de cunho performático e ativista. Sem perder o caráter lúdico, nem a perspectiva irônica diante da defesa de suas convicções ateias – um bufão vestido de pontífice liderando a limpeza da Rua da Fé –, Bassi provoca críticas ao sistema político instituído e seus problemas.

Essas críticas são realizadas em palavras e em ação, mesmo que para isso deva se colocar em risco – o risco de uma multa ou até de uma repressão mais dura. Nas palavras de Caballero sobre o embaralhamento das fronteiras entre arte e ativismo, a autora discorre:

A resistência não é um conceito abstrato, é uma prática específica que se desenvolve na esfera social, cultural, ética e política, implicando irremediavelmente *práxis* de corpos e sujeitos. Creio que a resistência inclui hoje a emergência de formas liminares de existência e de ação, essencialmente efêmeras e anárquicas. A dissensão e a dissidência manifestam-se em expressões individuais, mas também em ações coletivas [...] onde se desdobram novas formas de acoplamento de corpos ofegantes, fora do controle das máquinas do poder. (CABALLERO, 2011, p. 166)

Aqui se mostra como inegável a busca pela resistência e a desobediência civil e artística do Patolicismo. No exemplo descrito acima, o artista vai além da possível transmissão de saberes críticos ao incluir os espectadores/participantes na realização da ação de limpeza das ruas de Lavapiés.

Pode-se observar um certo viés ingênuo na colocação citada de Caballero, ao defender a crença em práticas “fora” dos dispositivos de poder, uma vez que não existem instâncias resguardadas a essas dinâmicas. Contudo, se o poder tomou de assalto a existência e seus modos de criar, sentir, desejar, amar, conforme destaca Pelbart (2007), Bassi não se furta aos riscos da ação.

Esse bufão dinamiza, com sua dramaturgia patológica, perspectivas afirmativas e contestatórias que fazem lembrar, ainda, as palavras de Kayser (2009, p. 62) acerca da paródia: “Na representação desfigurada e provocadora de riso reina um apelo, um chamado à transformação. Por trás da cópia [...] sente-se a imagem positiva como uma possibilidade do homem”.

Diante dos processos de sequestro da esfera pública e do embotamento dos sentidos, a *práxis* de Bassi aponta para a busca efêmera de linhas de fuga à passividade e ao desânimo coletivo que insistem em se abater sobre as (nossas) relações com a cidade, tantas vezes permeadas pelo assujeitamento.



CONCLUSÃO

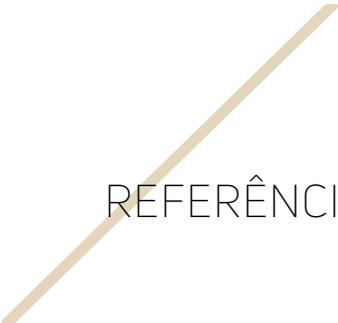
Criando corpos e práticas, o Patolicismo opera por dinâmicas de profanação que se liberam do contexto religioso, sem perder, contudo, suas lógicas paródicas sobre o Catolicismo, mas esvaziando os ritos coletivos da missa e lhe abrindo a novos usos: seja a criação da alegria carnavalizada e excessiva em detrimento do medo e das hierarquias, seja o convite a ações que envolvem a dissidência e a desobediência civil.

As missas patológicas, como se pôde observar nos trechos analisados, constituem-se em um fenômeno de complexidade ímpar, quando a presença de seu pontífice-bufão opera a mediação de ações e discursos que articulam temas múltiplos, como discursos de natureza política, social, filosófica, homenagens póstumas a artistas,

jogos cômicos e perspectivas críticas sobre acontecimentos cotidianos, borrando as fronteiras entre religião, a irreverência do riso e problemáticas da vida corrente.

Dessa forma, a Igreja Patólica produz uma dramaturgia em caráter ampliado, criando limites tênues e deslocamentos de sentidos entre a seriedade e o cômico. Bassi cria um caráter intertextual, ao mesmo tempo, próximo e distante do Catolicismo, em referências marcadas pelo exagero e pela ironia. O bufão reivindica à sua igreja um caráter festivo, carnalizado e grotesco, apontando para o ridículo dos excessos religiosos e da crença obstinada que anula liberdades, oferecendo o próprio corpo como território provocativo, gerador de ações dissidentes e rituais de inversão e profanação.

O Patolicismo de Bassi e seus excessos aludem a uma visão carnalizada de mundo, afirmadora de intensidades vitais. A alegria não assume, assim, um viés de enfraquecimento ou alienação, mas rompe com a normatividade e adquire dimensões políticas. Com sua Igreja invertida, Bassi atua pela ordem do transbordamento dos territórios normativos, ocasionando um fenômeno híbrido, misto de ação artística, derrisória e política.



REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?: e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, G. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília, DF: Ed. UnB, 2010.

BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

CABALLERO, I. D. *Cenários liminares: teatralidades, performances e política*. Uberlândia: Ed. UFU, 2011.

DORT, B. A representação emancipada. *Sala Preta*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 47-55, 2013.

ELORDENMUNDIAL. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em: <http://elordenmundial.com/regiones/corrupcion-partido-popular/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

- HAUSER, A. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HOUAISS. *UOL*, São Paulo, [20--]. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- HUTCHEON, L. *Uma teoria da paródia*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- KAYSER, W. *O grotesco: configuração na pintura e na literatura*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- LA CAJA tonta. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em: <http://www.lacajatonta.es/libros-2/leo-bassi-y-la-iglesia-patolica/>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- LECOQ, J. *O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral*. São Paulo: SENAC, 2010.
- LEOBASSI.COM. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em: <http://www.leobassi.com/biografia.html/>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- LEO Bassi Iglesia patólica Homenaje a Lou Reed. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (44 min). Publicado pelo canal carmelchor. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3_j4pPR16yE. 13 jun. 2020.
- LEO Bassi Misa 45ª “El árbol de la sabiduría” Año 74004 Era del Pato. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (49 min). Publicado pelo canal carmelchor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7myDIPLSvxl>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- MENDES, C. F. *A gargalhada de Ulisses: a catarse na comédia*. São Paulo: Perspectiva; Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2008.
- PATICANO. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em: <http://paticano.com/>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- PELBART, P. P. Biopolítica. *Sala Preta*, São Paulo, v. 7, p. 57-65, 2007.
- PLATAFORME contra la privatización del CYII. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em: <http://www.plataformacontralprivatizaciondelcyii.org/>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- PROPP, V. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.
- YOU TUBE. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em: <https://www.youtube.com/>. Acesso em: 20 jun. 2020.